

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

TATIANE RIBEIRO DE LIMA

**ANTROPOFAGIA:
SAGRADO, CRIME OU PECADO?**

JOÃO PESSOA

2013

TATIANE RIBEIRO DE LIMA

**ANTROPOFAGIA:
SAGRADO, CRIME OU PECADO?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito complementar para obtenção do título de licenciatura em Ciências das Religiões, sob orientação da Professora Mestra Ana Paula Cavalcanti.

JOÃO PESSOA

2013

TATIANE RIBEIRO DE LIMA

**ANTROPOFAGIA:
SAGRADO, CRIME OU PECADO?**

Monografia submetida à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Ciências das Religiões.

BANCA EXAMINADORA

Prof.

Prof.

Prof^a. Ms. Ana Paula Cavalcanti – Orientadora

João Pessoa, _____ de _____ de 2013.

*Dedico àqueles que vem me apoiando ao longo
da vida facilitando a minha caminhada.
À minha família em especial, a minha irmã Joice R .Lima.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que me concedeu a possibilidade de realizar esse trabalho.

À Professora Ana Paula Cavalcanti, que me orientou de forma tão atenciosa, dedicada e brilhante, não me deixando nunca com dúvida alguma.

Agradeço, também, a toda a minha família: meus pais e a minha irmã, que me incentivaram e me deram força durante toda a minha caminhada acadêmica, em especial, a minha avó e as minhas tias Socorro, Neves e Dora (com os lanchinhos lá no CAIC), que participaram ativamente de todo o meu processo acadêmico desde o jardim de infância até a conclusão deste trabalho.

Também quero destacar e agradecer a todos os meus amigos que sempre estiveram ao meu lado me ajudando. Em especial, à Claudiana Soares (Clau) e à Carla Borges e do fundo do coração a tia Socorro, que foram verdadeiros anjos em minha vida, principalmente, na reta final da conclusão deste trabalho. E a Carla que mesmo longe acompanhou todo o processo de construção desse TCC, ajudou-me, efetivamente, na conclusão, com seus conhecimentos de língua portuguesa.

Agradeço, também, a compreensão, a paciência e a colaboração que teve o meu marido em mais essa empreitada.

“Mas há também “histórias divinas trágicas”, e o homem assume uma grande responsabilidade perante si mesmo e a Natureza ao reatualizá-las periodicamente. O canibalismo ritual, por exemplo, é a consequência de uma concepção religiosa trágica.”.

Mircea Eliade – O sagrado e o Profano

RESUMO

Esta pesquisa propõe estudar as diferentes formas de representações que a antropofagia tem em diversas sociedades. Logo, descreveremos alguns rituais indígenas, nos quais, a antropofagia é praticada e compreendida como ritual essencialmente sagrado. Teremos como análise focal caso da Cruz da menina de Pombal – PB, para exemplificar um caso de antropofagia não-ritual, que sendo retirada do contexto religioso, foi criminalizada e punida. A antropofagia praticada em Pombal tem algo singular, pois, como veremos este caso de alguma forma, conseguiu voltar ao plano do sagrado, quando a menina Maria, vítima do ato de antropofagia é tomada para o povo daquela cidade como “santa”, popular, passando a ser venerada ganhando o estatuto de sacralizada com ênfase na religiosidade popular.

Palavras-chave: Antropofagia. Ritual Sagrado. Menina de Pombal .

ABSTRACT

This study proposes to study different forms of representation that anthropofagy has showed in many societies. So, we are going to describe some indigenous rituals where anthropofagy is practiced and understood as a ritual essentially sacred. We will have as a focal analysis the case of Cruz da Menina, in Pombal – Paraíba , to exemplify a sort of non-ritual anthropofagy that, cast away from its religious context, was criminalized and punished. This species of anthropofagy occurred in Pombal has something peculiar because, as we are going to see, the case somehow managed to be restored to the sacred domain, when the girl Maria, the victim, was taken by that city's people as a new "saint", popular, becoming venerated and gaining a sacred status emphasized by popular religiosity.

Key-words: Anthropofagy. Sacred ritual. Menina de Pombal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1.1 Delimitação do Problema	9
1.2 Justificativa	11
2. OBJETIVOS	12
3. DISCUSSÃO METODOLÓGICA	13
4. CAPÍTULO I	
ANTROPOFAGIA COMO DIMENSÃO CULTURAL E RITUALÍSTICA	15
4.1 Definições de Antropofagia	15
4.2 Etimologia, Significados e Mitos	17
4.3 Rituais Fúnebres Indígenas	20
4.4 Banquetes de Gente	21
5. CAPÍTULO II	
NOVOS OLHARES SOBRE A ANTROPOFAGIA RITUAL	23
5.1 O rito como forma de sacralização do ato antropofágico	23
5.2 Interdições nos rituais antropofágicos indígenas	24
6. CAPÍTULO III	
A CRUZ DA MENINA DE POMBAL-PB	26
6.1 Contexto Histórico	27
6.2 Apresentação do fato Antropofágico de Pombal	28
6.3 Profanação e Criminalização do Ritual Sagrado de Antropofagia	30
7. CAPÍTULO IV	
A CRUZ DA MENINA DE POMBAL E A RELIGIOSIDADE POPULAR	32
7.1 Do crime e do pecado surge o sagrado	32
7.2 Consequências Sociais e Religiosas da Antropofagia não ritual	34
7.3 Devoções Religiosas em volta da Cruz da Menina de Pombal	34
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
9. REFERÊNCIAS	38

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O golpe mortal	15
Figura 2 - A carne é assada	19
Figura 3 – A cabeça é preparada para ser comida	21
Figura 4 – Localização geográfica da cidade de Pombal – PB	25
Figura 5 – A Cruz da Menina de Pombal	29

INTRODUÇÃO

A antropofagia é um ritual considerado sagrado para várias culturas desde a antiguidade, porém, este tema transitou na história de um modo geral, bem como, na história do Brasil de forma bastante estigmatizada gerando práticas preconceituosas. Tais ideias e comportamentos foram gerados por interpretações inadequadas de historiadores e antropólogos que fizeram uma leitura do ato antropofágico desconsiderando a dimensão religiosa deste processo na cultura, repercutindo negativamente em atitudes intolerantes.

Portanto, neste trabalho, descreveremos a antropofagia enquanto ritual sagrado dentro da cultura indígena do Brasil, mostrando a antropofagia nos ritos de honra, de vingança, de passagem, entre outros. Por outro lado, focaremos ‘o caso da Menina de Pombal’ apresentando a inversão do ritual, que se inicia como crime numa perspectiva totalmente profana e desumana e passa para o universo sagrado. De modo que explanaremos como a menina devorada passou a ser venerada pela população de Pombal como ‘santa’ que passou a promover milagres e atender as preces dos novos devotos. Defenderemos que este caso demonstra que na religiosidade popular as necessidades cotidianas estão vinculadas à fé devotada no santo eleito pelo próprio povo.

Neste sentido, descreveremos no primeiro capítulo a antropofagia como dimensão cultural e ritualística; no segundo, os novos olhares sobre a antropofagia ritual; no terceiro, a cruz da menina de Pombal-pb e no quarto capítulo, por sua vez, faremos uma relação com o caso da cruz da menina de pombal e a religiosidade popular.

Veremos estes capítulos não como exposições fechadas em si, mas em relação uns com os outros, no intuito de compreendermos a diversidade das experiências religiosas nas diversas culturas, e dentro desta diversidade, destacamos a antropofagia como um ritual motivado por uma relação com o Transcendente, cuja relação se expressa simbolicamente de inúmeras formas. O ritual antropofágico é um fenômeno carregado de sentido sagrado para várias culturas.

1. Delimitação do Problema

A antropofagia é um tópico que permeia a história de muitas sociedades do mundo, incluindo a brasileira. No entanto, este tema é carregado de estigmas e preconceitos devido às más interpretações históricas e antropológicas, que perduram há muitos séculos.

Os portugueses foram os primeiros a escreverem sobre esse tema e também foram os primeiros a criticarem ferozmente os rituais indígenas da América. Uma vez que tudo o que eles escreviam baseava-se na fé cristã católica, por eles professada, e todo o ritual indígena era classificado como pecaminoso, criminoso, animalesco ou mesmo demoníaco de um povo não civilizado e sem Deus.

A literatura colonial, que traz a antropofagia como foco, é sempre tendenciosa, pelos motivos já citados, fato que contribuiu largamente para os conceitos contemporâneos de antropofagia. A massificação dessas concepções influencia ainda hoje a forma como nós olhamos para as práticas rituais indígenas, mantendo sempre acesa, em nós, uma pequena chama de preconceito e intolerância para com esse ritual.

As sociedades modernas ocidentais cristãs aboliram completamente a antropofagia de suas culturas e, hoje, qualquer ato canibal está fora do contexto social e é tratado como crime e pecado, passível de punição para aquele (a) que o pratique. As práticas antropofágicas são indigestas à fé cristã, sendo inconcebível a quaisquer pessoas que comunguem das doutrinas baseadas nos ensinamentos de Jesus Cristo, relegando a antropofagia às margens desse ensinamento, uma vez que o corpo é sagrado e não deve ser violado.

Este trabalho tem como principal finalidade demonstrar a antropofagia enquanto ritual sagrado dentro da cultura indígena do Brasil, mostrando a antropofagia nos ritos de honra, de vingança e de passagem da tribo Tupinambás que habitavam o litoral brasileiro e nos rituais fúnebres da tribo Wari, habitante do estado de Rondônia.

As duas tribos tinham inseridas em sua cultura a antropofagia ritual, no entanto cada tribo a praticava levada por suas próprias implicações culturais, os Wari comiam os seus mortos como uma forma de honrá-los, uma vez que acreditavam ser o estômago um túmulo mais digno do que a terra.

Já os Tupinambás, praticavam os rituais de antropofagia para vingar um parente capturado em momentos de guerra, outro aspecto a ser observado no ritual Tupinambá é que esse tem um caráter iniciativo, visto que o menino torna-se homem após abater a sua primeira vítima.

1.2 Justificativa

A antropofagia é um tema consideravelmente complexo e relevante para várias áreas dos estudos humanos e como tal vem sendo pesquisada por diversas áreas como: a antropologia, a sociologia e a história. Para a Biologia, esta prática consiste em um indivíduo comer outro de sua própria espécie, nesse caso específico, estudaremos o canibalismo entre os seres humanos.

O meu interesse em estudar este tema surgiu a partir das aulas de alimentos sagrados e restrições alimentares, ministradas pela Professora Ana Paula Cavalcanti, atual orientadora deste trabalho, nas quais o tema antropofagia foi introduzido, instigando assim minha curiosidade em pesquisar e aprender sobre esse assunto tão relevante, polêmico, importante e pouco discutido no meio acadêmico e nos livros didáticos brasileiros.

Considero relevante pesquisar sobre a antropofagia por perceber que essa prática “sagrada” tem sido expressamente estigmatizada pelas sociedades modernas, pois é tida apenas como um ato de barbárie completamente dissociado de rituais sacros, que eram praticados, por exemplo, em tribos primitivas brasileiras, bases da nossa cultura.

Abordaremos aqui, um caso específico ocorrido no ano de 1877, na cidade de Pombal, alto sertão do estado da Paraíba, onde a antropofagia foi completamente desritualizada, sendo utilizada como mero ato de matar a fome do corpo físico, desprezando os ritos e a sacralidade do ato antropofágico tratando esse ato apenas como animalidade e monstrosidade.

A relevância deste estudo reside na necessidade de mostrar a diferença entre antropofagia ritual e não ritual na tentativa de diminuir o preconceito existente em torno desse tema, para isso destacaremos o caso de antropofagia não ritual que deu origem a uma mártir, o que logo apareceu como santa popular, no interior da Paraíba, e este caso foi comparado aos rituais de antropofagia dos Tupinambás e dos Wari, sociedades indígenas que estudaremos durante a nossa revisão bibliográfica bibliográfica.

Apresentaremos a antropofagia ritual como alimentação sagrada a partir das interferências de várias crenças e de muitas sociedades até ser vista, pela maior parte da sociedade, como um ato animal e irracional ou mesmo como um crime quando praticada

fora do contexto religioso das sociedades tribais, sendo completamente profanado e perdendo totalmente a sua sacralidade.

Mostraremos como esse ato, mesmo deslocado dos seus rituais e de sua sacralidade, tornou-se o ponto de partida para o surgimento de uma nova santa popular tão sagrada como eram os mortos das sociedades primitivas, esse fato nos faz crer que o estudo deste tema, dentro do ensino religioso, seja relevante, porque a partir dele, muitos pré-conceitos serão combatidos e assim poderão surgir posicionamentos mais tolerantes.

2. OBJETIVOS

- **Geral:**

Esta pesquisa pretende expor conceitos da antropofagia e demonstrar a sua sacralidade quando inserida em um ritual. Explanaremos também como a antropofagia de parentes e inimigos de guerra, após passarem por rituais, tornam-se alimento sagrado. Mostrando também a antropofagia fora dos rituais tribais e usando como exemplo o relato de um caso específico, ocorrido na cidade de Pombal – PB, expondo quais foram as suas causas e consequências.

- **Específicos:**

- ✓ Discutir conceitos de antropofagia;
- ✓ Investigar o papel da antropofagia na cultura brasileira;
- ✓ Demonstrar a sacralidade dos rituais de antropofagia;
- ✓ Comparar a antropofagia ritual a uma não- ritual, apontando os seus impactos na sociedade de Pombal – PB.
- ✓ Demonstrar como o ato antropofágico pode modificar a cultura em que ele é praticado.

3. DISCUSSÃO METODOLÓGICA

Trilhamos o caminho da pesquisa qualitativa¹, considerando que ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

Esta pesquisa é de tipo descritivo e bibliográfico.

Buscamos, de um lado, ter uma visão de conjunto e, de outro apreender as particularidades do material. Após essa leitura, devemos ser capazes de montar uma estrutura que serve de base para a nossa interpretação. (MINAYO, 2007).

Tomando por base esse conceito metodológico, desenvolvemos o nosso trabalho, tomando como bases teóricas grandes autores das ciências humanas como história, sociologia, antropologia e Ciências das Religiões.

¹ Ver MINAYO, Maria Cecília. *Pesquisa social*, 2007, p. 21.

CAPÍTULO I

ANTROPOFAGIA COMO DIMENSÃO CULTURAL E RITUALÍSTICA

1.1 Definições de Antropofagia

Dentre as várias definições a respeito da antropofagia, podemos citar que esta “é o hábito humano de comer carne humana” (SCHLESINGER, 1995, p. 199). Essa acepção é utilizada no senso comum e condiz com a realidade, entretanto, tal conceito mostra-se simplista, pois não abrange a totalidade do tema antropofagia.

Adentraremos no sedutor e restrito mundo da antropofagia, um mote marginalizado, mas que teve uma grande relevância na construção da identidade indígena nacional e da cultura brasileira. As nossas maiores fontes, em relação aos hábitos antropofágicos dos índios do Brasil, são os escritos lusos, que definem os rituais indígenas de forma eurocêntrica, tendo como alicerce sagrado o Cristianismo.

“o canibalismo dos canibais, que será, a bel-prazer interpretado como repugnante, vestígio de um estado arcaico ou como uma cópia caricatural de essência, evidentemente, diabólica; uma macaquice de Satã; este como sabemos um plagiário nato.” (LESTRINGAND, 1991, p. 20).

Esta definição também se mostra insuficiente no que se refere ao significado da antropofagia. No entanto, apesar de ser um conceito inconivente com a ritualística antropofágica dos índios americanos, era aceita e difundida no velho mundo durante o período das grandes navegações.

Cristóvão Colombo, por exemplo, contribuiu para a construção de uma imagem inverídica dos antropófagos do novo mundo. “No seu Diário de Viagem, a 04 de Novembro de 1492, nos traz a seguinte definição: “hombres de um só hojo e otros com hoçicos de perro que comiam los hombres”, isto é, homens com um só olho e outros com focinhos de cachorros (que) comiam os seres humanos” (LESTRIN

GAND, 1991, p. 27).

Quanto mais assustadores e violentos fossem os nativos do novo mundo, maior o triunfo português. Esse tipo de literatura fazia muito sucesso em Portugal, talvez por isso o arquétipo² criado por Colombo referente aos índios americanos, ainda hoje influencia a

² Diz respeito a modelos primordiais.

nossa forma de enxergar a ritualística indígena no que se refere à antropofagia. (LESTRINGAND, 1991).

Lestringand adverte que a afirmação de Colombo, quando disse que os índios americanos comiam carne de gente, refere-se a uma experiência real, apesar do exagero nas suas narrativas fantásticas a respeito da androfagia³. Para ele, Colombo desconsidera completamente os rituais religiosos, os códigos de honra e ética que estão inseridos no ato de alelofagia⁴. A formação cristã de Colombo, portanto, explica a sua rejeição total aos costumes do novo mundo.

Posterior ao diário de Colombo, encontramos os relatos etnográficos de Hans Staden, por volta de 1548, em seu livro *Duas viagens à terra Brasil*, no qual narra a experiência pessoal vivida por ele quando cativo da tribo Tupinambá no Brasil. Tendo ele astuciosamente conseguido escapar da prisão, suas experiências foram minuciosamente relatadas nesta obra.

Staden (2007) narra os costumes dos índios e os rituais de antropofagia, o modo como ocorriam e quais as suas motivações; quem era comido e como se processava todo o ritual que envolvia o banquete de carne humana. Contrariando, deste modo, os escritos de Colombo que retratou os índios apenas como animais que devoravam qualquer pessoa que passasse em sua frente, como se fossem meras caça, negando-se o aspecto ritual do processo. Logo, na perspectiva deste autor, fica evidente a existência de um mecanismo de seleção ritualística.

Mesmo tendo conhecimento dos rituais que envolviam a antropofagia, Staden (2007) não parece ter um conceito muito distinto do de Colombo, quando define os índios como “um povo hábil, maldoso e sempre pronto para perseguir e comer os inimigos” (p. 95). Apesar disso, nos deixou uma obra na qual é possível enxergar claramente a forma ritualizada e de como era consumida a carne humana.

Observando a narrativa de Staden (2007), notamos que a prática antropofágica indígena nada tinha de “animal” como denominou Colombo. Contrariamente, a antropofagia indígena era essencialmente ritualística. Posto isto, vemos um espaço para novas indagações nas formas de pensar a androfagia, propondo que este conceito seja entendido em um nível mais profundo do que a mera necessidade de comer.

³ Mesmo que antropofagia

⁴ Devoração do semelhante

1.2 Etimologia, Significados e Mitos



Figura 1 – O golpe mortal, a vítima amarrada, é insultada pelas mulheres antes de ser abatido.

Etimologicamente, conforme Lestringant (1997), a palavra antropofagia vem do grego *anthopos*, "homem" mais, *phagein*, "comer", que significa "comer homem". Sendo assim, antropófago é aquele homem que se alimenta de carne humana, popularmente é chamado de canibal. A criação do vocábulo canibal é atribuída a Cristóvão Colombo, vejamos:

O nome dos canibais deriva originalmente do *arawak* 'caniba', que seria a alteração de 'cariba', palavra para qual os índios caribes das pequenas Antilhas se autodesignavam, e que em sua língua significa ousado. (LESTRINGRANT, 1997, p. 27)

Partindo da origem das palavras, antropofagia e canibalismo que designam o ato de comer carne humana, estudaremos a raiz mitológica dessa prática, que é tão forte no seio da cultura indígena do Brasil. A este respeito, Alberto Mussa (1961), em sua obra *O meu destino é ser onça*, narra o mito cosmogônico que fundamenta os rituais de antropofagia das tribos brasileiras.

Este mito, oralmente transmitido, atravessou gerações e conta a seguinte história: no início, o universo era, provavelmente, muito escuro, ocupado por morcegos e corujas primitivas, existindo nesse mundo um velho "Se foi criado, se criou a si mesmo, se existia desde sempre, só os carabas sabem exatamente." O fato é que o velho tinha características humanas. (MUSSA, 1961, p. 29).

O velho criou o céu, a terra e os seres humanos, (esculpidos nos troncos de madeira) e Tupã. Os homens respeitavam o velho, limpavam os caminhos para que ele passasse, davam-lhe rede para descansar e choravam diante dele, tudo isso era sinal de respeito. Até que um dia, chegando a uma aldeia, ninguém limpou o chão para que ele passasse, não lhe

ofereceram rede e nem choraram diante dele. Imaginando que estivessem todos loucos, o Velho foi para outra aldeia onde o comportamento se repetiu. "Revoltado com o a ingratidão humana, o Velho voltou para o céu, abandonando os homens na terra". (MUSSA, 1961, p.30)

O Velho decidiu, então, vingar-se dos homens ele fez descer sobre a terra um fogo devastador que destruiria toda a humanidade.

No entanto, entre todos os homens, havia um que não era mau, e que nunca tinha deixado de honrar o Velho: o pajé do mel. Por isso, o Velho poupou o Pajé, o colocando em uma região a salvo do fogo. (Mussa, 1961, p. 31).

Percebendo que o pajé do mel iria ficar sozinho, o Velho criou Tupã e fez com que caísse uma forte chuva extinguindo o fogo, a água arrastou para os lugares mais baixos as cinzas, criando assim o mar que, devido as grandes quantidades de cinza, tornou-se salgado. Assim, o Velho percebeu que a terra ficou ainda mais bonita e resolveu criar uma mulher para fazer companhia ao Pajé do mel para que ele povoasse a terra com homens melhores. "Quando o casal olhava para cima, podia ver o Velho, segurando o cajado. O Velho é *Tuíbae*, a primeira constelação que apareceu no céu". (MUSSA, 1961, p. 32).

O Pajé teve filhos, que por sua vez se multiplicavam, no mesmo lugar onde o Velho o havia deixado, na terra-sem-mal, onde "Os alimentos brotavam espontaneamente, flechas e paus de cavar trabalhavam sozinhos, não havia morte." (MUSSA, 1961, p.33), de forma que os filhos do pajé começaram a se afastar da terra-sem-mal, e esqueceram o caminho de volta.

Concernente aos homens e às mulheres que saíram da terra-sem-mal, eles viviam imundos e cheios de pelos sobre o corpo, ignoravam como fazer as coisas úteis, já que eles nada faziam de onde vieram. Os homens agiam como animais, não tinham noção de parentesco e, as práticas incestuosas eram constantes, não sabiam se defender dos espíritos e eram frequentemente atacados pelo boitatá.

Ao entrarem no mar ou em um rio, eles eram atacados por Ipujiara, espíritos que pareciam homens. Na mata, era a vez do curupira atacá-los, eles também eram acometidos pela Curupeba, Taguaiba, Taguai-Pitanga etc. e pelas Maranguiguaras, almas separadas dos corpos que vinham anunciar a própria morte.

Esta história também narra que, enquanto muita gente povoava a terra, surgira um homem chamado Maíra, "Não era uma pessoa comum, pois podia subir ao céu e ser recebido amistosamente pelo Velho, também conhecia o caminho da terra sem mal" (MUSSA, 1961, p. 36).

Maíra, por sua vez, começou a ensinar coisas boas aos homens que viviam fora da terra-sem-mal, deu-lhes redes e louça, ensinou que deveriam depilar o corpo, mostrou quais plantas eram comestíveis e quais não eram, roubou para eles o fogo. Maíra proibiu-lhes de comer animais lentos e pesados, proibiu o casamento entre pai e filha, e entre mãe e filho, etc.

Lembramos que Maíra não era o único a fazer maravilhas entre os homens, existia também Sumé, que tinha o poder de transformar-se em onça e conversar com os peixes. "Sumé era inimigo de Maíra por causa de uma mulher que os dois compartilharam e engravidaram ao mesmo tempo" (MUSSA, 1961, p.39).

Um dia, um parente de Sumé quebrou a regra do incesto ensinada por Maíra. Suaçu subiu na rede de sua irmã Inambu e a engravidou. Ao saber disso, Aruju marido de Inambu, para vingar-se, matou Suaçu com um golpe de ibirapena, segundo o autor, trata-se de uma grande maça capaz de arrebentar o crânio de uma pessoa. Depois que Ajuru matou Suaçu, pôs fogo na cabana e comeu o corpo do cunhado. Para não ser descoberto, quando perguntaram por Suaçu, Ajuru dizia que ele tinha se perdido na mata, e todos se puseram a procurá-lo.

Muçurana, mãe de Suaçu, descobriu que Ajuru havia matado e comido o seu filho. Ajuru tentou fugir, mas foi capturado, levaram-no até a aldeia onde foi entregue às mulheres da tribo que riam, e tripudiavam da posição de Ajuru, dançavam em volta dele, e o obrigaram a dançar em homenagem ao espírito de Suaçu. Foi determinado, portanto, que Ajuru seria morto e devorado por todos os parentes de Suaçu, e eles beberam cauí⁵ juntamente com Ajuru para se confraternizarem.

Na hora marcada, Uiruçu dançou na frente de Aruju mostrando como ele seria morto. Ajuru, por sua vez, não sentiu medo e injuriou Uiruçu, dizendo que os seus parentes iriam vingá-lo. Uiruçu após matar Aruju, ganhou um nome novo e fez no seu corpo uma incisão com o dente da cutia. A carne de Aruju foi moquecada⁶ e todos da aldeia comeram exceto Uiruçu. "Assim é a vingança - o grande ensinamento de Maíra, que permite o acesso a terra-sem-mal." (MUSSA, 1961, p. 41).

É a partir da narrativa deste mito cosmogônico indígena, que estudaremos a antropofagia enquanto ritual sagrado. Neste sentido, evidencia-se que o mito revela a condição humana, assim como assinala MAZUCCHI-SAES (2005):

⁵ Bebida de mandioca fermentada.

⁶ Processo de conservação da carne. Um tipo de defumação.

As narrativas míticas são dotadas de valores que sustentam as dimensões morais, existenciais e éticas de uma dada sociedade. Os motivos que revestem o pensamento mítico são mutáveis, de forma que em razão de carências, receios e necessidades diversas de explicação, os homens constroem narrativas, ora criando heróis, ora gerando monstros temíveis, mantendo subjacente a idéia de uma ausência, a falta de articulação racional que organize os dados em termos de causa e efeito. (p. 14-15).

Nesta perspectiva, o mito diz respeito àquilo que é constitutivo do processo identitário humano que possibilita uma compreensão do mundo e de nossa aventura existencial. A mitologia mostra-se, por conseguinte, como portadora de elementos integrantes da vida individual e coletiva do homem.

1.3 Rituais Fúnebres Indígenas

Todas as tribos têm os seus rituais fúnebres, algumas como os Yanomames, Wari e os Guayaki, têm nas suas culturas práticas endocanibais (comem os seus mortos) cada uma com a sua motivação e rituais. No caso dos Tupinambás, não há registro de que eles comessem os seus parentes mortos por doença ou velhice. As práticas antropofágicas nessa tribo eram motivadas apenas por vingança, e segundo a sua própria lógica⁷. Onde “ De um lado, produzia alianças entre os que comem juntos e a separação entre aqueles que eram potencialmente comida um do outro.” (FAUSTO, p. 18)

Diferentemente dos Tupinambás, os Yanomames do Brasil ainda preservam, no seio de sua cultura, as práticas antropofágicas nos seus rituais fúnebres. Essa prática ritual na tribo tem respaldo legal no artigo 231 - da Constituição Federal do Brasil - que diz no seu caput: "São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens".⁸.

O ritual fúnebre Yanomame é bastante complexo. Esta tribo mantém alguns ritos em segredo, e o que sabemos é que "dura cerca de 20 dias, onde eles preparam um tipo de mingau de banana com as cinzas do morto, que é oferecido aos familiares como uma forma de perpetuar o espírito do ente querido".⁹.

⁷ Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/15702564/banquete-de-gentecarlos-fausto>

⁸ Constituição Federal do Brasil, 1988.

⁹ Disponível em: <http://www.proyanomami.org.br/v0904/index.asp?pag=noticia&id=4271>

Os Wari e os Guayaki, também comem os seus mortos como uma forma de honrá-los, não deixando que esses sejam comidos por vermes. Eles comem seus parentes mortos para que os seus corpos sirva-lhes de túmulo. Acreditava-se também que após a morte quando se comia a carne do morto, a alma estaria livre para ir à busca da morada celeste.

Os Wari, além de comerem a carne do parente morto, ateiavam fogo à sua cabana, armas e até mesmo nas suas plantações. Também matam os animais de estimação do morto. O tempo de luto varia de acordo como o grau de parentesco.

O fim do luto era marcado por uma caça coletiva, em que as presas eram moquecadas, choradas e ingeridas como se fossem o morto, e todos comiam. (SOUZA, 2011, p. 27).

Como podemos observar, cada tribo tem uma prática fúnebre diferente, porém, em todas elas a antropofagia tem um significado que ultrapassa o sentido físico de alimentar-se, em todas elas fica evidenciado o papel sagrado da antropofagia.

1.4 Banquetes de Gente



¹⁰Figura 2 – A carne é assada como prato principal do banquete, conforme Staden e Flandrin explanam sobre outros povos⁷

Devemos, inicialmente, tomar conhecimento da definição ordinária de banquete, tratando este de uma refeição extravagante para muitas pessoas convidadas em que, na maior parte das vezes, é oferecido em comemoração a um acontecimento importante.

Uma das características mais fortes do banquete é a “comensalidade entre os participantes, que remete a uma das expressões da solidariedade básica do grupo familiar ou

¹⁰ Figura 2, iconografia do Séc XVII, visão lusa do ritual antropofágico. Disponível em: <http://www.blogspot.com/antropofagia>. Acesso em : 21/12/2013.

da comunidade.” (CASCUDO, 2004, p. 57). Essa comensalidade pode ser vista nos rituais de antropofagia das tribos do Brasil, pois nesse processo ritualístico, todos tinham o direito de participar dos rituais e de comer a carne, pois se tratava de um momento de união da tribo, para honrar ou vingar um parente.

Os banquetes têm protocolos que definem, nos seus rituais, as hierarquias e a importância daquele momento. Para ilustrar este pensamento, compararemos a seguir, a descrição de um banquete Babilônico a partir das perspectivas de Jean-Louis e Massimo Montanari em sua obra *História da alimentação* e o banquete antropofágico narrado por Hans Staden em trabalho *Dois viagens ao Brasil*.

No banquete babilônico, serve-se primeiro ao rei, de modo que as pessoas se agrupavam com antecedência baseadas na hierarquia. Os criados começavam a passar com água para que todos lavassem as mãos, em seguida, cada hóspede recebia um frasco com óleo perfumado, para se untarem no início e no fim das refeições. Depois serviam a carne, pão e legumes, normalmente, a sobremesa era frutas e bolos. Assim aconteciam os banquetes babilônicos. No banquete de gente das tribos Tupinambás, por sua vez, também se encontram regras e rituais que eram rigorosamente seguidos.

Assim como no banquete babilônico, os Tupinambás também convidavam as pessoas de outras aldeias para que viessem banquetear com eles em comemoração à captura de mais um inimigo que, nesse caso, seria o prato principal do banquete. Os Tupinambás enchiam de bebidas (cauim) todos os vasos da tribo para receber os seus convidados.

Segundo Staden (2008), quando se iniciavam os protocolos rituais para o banquete Tupinambá, há uma sequência que deve ser rigorosamente seguida. Primeiro, é preparada a *ibirapema*¹¹ com muitas festas, cantos e danças. Depois, eles bebiam durante toda a noite junto ao prisioneiro, que se tornava um conviva bebendo ao lado do algoz. No dia seguinte, construía para o prisioneiro uma pequena barca, onde ele deveria morrer e onde ele era amarrado e desamarrado de maneiras diferentes inúmeras vezes, até que o amarrassem no centro da tribo.

Neste momento do ritual, muitas pessoas puxavam a corda para lados diferentes, colocando na frente do prisioneiro, pequenas pedras, as quais no momento certo do ritual, o cativo deveria “atirar contra as mulheres que lhe dizem de forma ameaçadora, como querem come-lô” apenas cumprindo parte do ritual. Antes de matar o prisioneiro, conforme narra o autor:

¹¹ Arma ritual utilizada no sacrifício do prisioneiro. Cf. STADEN (2008, p. 163).

O chefe da cabana chega, pega a maça e passa-a uma vez entre as pernas dele. Isso para eles constitui uma honra a seguir aquele que o matará pega a maça e diz “Sim, estou aqui, quero mata-lo por que a sua gente também matou e comeu muitos dos nossos”. O prisioneiro lhe responde “Tenho muitos amigos que saberão me vingar quando eu morrer”. (STADEN, 2008, p.163).

Terminadas as falas, que fazem parte do protocolo ritual, o prisioneiro é morto com um só golpe na nuca. O corpo é esquartejado, as mulheres correm em volta das cabanas com os quatro primeiros pedaços, depois limpam a pele, cortam os pedaços em que todos podem comer, exceto, o matador. Toda a carne do morto é dividida entre todos da tribo e convidados. Tratando-se de um verdadeiro banquete de gente no qual para cada grupo é destinado um pedaço específico.

As mulheres comem as vísceras, da mesma forma a carne da cabeça. O cérebro a língua e o que mais as crianças pudessem apreciar, elas comem. Quando tudo tiver sido dividido, voltam para casa, e cada um leva seu pedaço.(STADEN, 2008, P.165).



¹²Figura 3 – A cabeça é preparada para ser comida pelas mulheres e crianças

Assim como os banquetes babilônicos tinham seus rituais e protocolos, propósitos políticos e sociais, os índios americanos, em especial a nação Tupinambá, também tinham, nos seus ‘banquetes de gente’, algo de político, social e sagrado.

Considerando a origem ritualística da antropofagia, encontrada também na narrativa mítica das tribos indígenas brasileiras, veremos no capítulo seguinte, as novas formas de pensar a antropofagia, partindo, principalmente, dos conceitos teóricos da atualidade.

¹² Figura 3, iconografia do Séc XVI, portugueses retratando o cozimento da cabeça feito pelas mulheres no ritual de antropofagia. Disponível em; <http://www.blogspot.com/antropofagia>. Acesso em 21/12/2012.

CAPÍTULO II

NOVOS OLHARES SOBRE A ANTROPOFAGIA RITUAL

2.1 O rito como forma de sacralização do ato antropofágico

Considerando a antropofagia um ritual religioso, se faz necessário conhecermos alguns conceitos acerca do que vem a ser um rito. Este aparece “como uma *norma* que guia o desenvolvimento de uma ação sacra de caráter social, submetida a regras precisas.” (CROATTO, 2010, p. 338).

Entende-se, portanto, que a sistematização ritualística está sempre atrelada ao domínio do sagrado de modo que a antropofagia, enquanto uma prática ritual de ingestão de carne humana vê que esta experiência ultrapassa os limites biológicos, ocupando um lugar no campo da relação transcendente, tornando-se a carne humana um alimento sagrado.

Ressalvamos aqui o mito cosmogônico Tupinambá, narrado no capítulo anterior, em que os ensinamentos de Maíra, mostram a antropofagia como uma forma de reencontrar o caminho para a terra-sem-mal (paraíso). A antropofagia é um ato sacro para a nação tupinambá, pois é através dela que eles rememoram os ensinamentos primordiais.

O consumo da carne humana, enquanto experiência religiosa, eleva os pensamentos e coloca o homem em contato com o transcendente. “Come-se alguém para capturar algo desse alguém sem, no entanto se tornar inteiramente o outro.”¹³. Assim fica evidente que não é a fome biológica que sustenta a antropofagia, mas principalmente, o significado religioso desta experiência. “O canibalismo ritual, por exemplo, é o resultado de uma concepção religiosa trágica.” (ELIADE, 1992. p. 55).

O aspecto trágico diante da morte do canibalismo pode estar ligado ao caráter vingativo em que se respaldava a antropofagia Tupinambá. Outra característica bastante forte dos ritos de antropofagia é que eles funcionam também como uma ritual de passagem, pois,

Só se torna homem completo depois de ter ultrapassado, e em certo sentido abolido, a humanidade ‘natural’, pois a iniciação se reduz, em suma, a uma experiência paradoxal, sobrenatural, de morte e ressurreição, ou de segundo nascimento. (ELIADE, 1992, p. 90).

¹³ Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/15702564/banquete-de-gentecarlos-fausto>

Na tribo Tupinambá, por exemplo, o ritual de antropofagia caracteriza-se como ritual duplo de passagem, pois este marca a passagem da vítima do mundo dos vivos para o mundo dos mortos e a passagem do carrasco da vida pueril para a vida adulta. “Após o sacrifício de sua primeira vítima, o jovem devia observar um complexo conjunto de ritos.” (AGNOLIN *apud* FERNANDES, 1970, p. 201).

Ao mais novo homem da tribo cabia à defesa da aldeia contra os inimigos, em que era concedido a este um novo nome, ou seja, cada inimigo rendia-lhe um novo nome, e quanto mais inimigos o jovem matasse, mais respeitado ele se tornava dentro da sociedade. Após ser submetido a este ritual de passagem, o jovem poderia casar-se e constituir uma nova família, pois o seu ritual de passagem já fora cumprido. (AGNOLIN, 1970).

Todos os membros da tribo podiam participar de todo o processo ritual de antropofagia. Todos, exceto o matador, comiam a carne da vítima para honrar, nos casos de ritos fúnebres, ou para vingar no caso dos tupinambás. Ao carrasco é destinado um alimento diferente do restante da tribo.

Já o matador, pelo simples ato de matar, consumia outra coisa que a carne, detonando um processo de transformação, marcado publicamente pela reclusão. Mas o que era essa ‘outra coisa’? Temos desde atributos corriqueiros como força e coragem, até categorias da filosofia e da psicologia, como subjetividade, atividade e intencionalidade, passando por conceitos metafísicos como espírito e alma. (FAUSTO, 2008. p. 19).

Deste modo fica evidente a função ritual da antropofagia, contrariando os conceitos de Staden e Colombo, que viam nos ritos indígenas apenas maldade, animalidade e profanação. E, em consequência, nos ofereceram uma forma mais tolerante de refletir sobre a antropofagia indígena, entendendo que esta trata-se, essencialmente, da religiosidade de um povo.

2.2 Interdições nos rituais antropofágicos indígenas

Podemos encontrar interdições alimentares em, praticamente, todas as religiões do mundo. Alguns rituais religiosos exigem dos seus praticantes, determinado tipo de abstinência, seja de comida, bebida, de relações pessoais ou sexuais, pois para algumas crenças, é necessário que haja sacrifícios dos praticantes para que o ritual seja devidamente cumprido.

No caso do ritual Tupinambá de antropofagia, podemos observar que existem poucas restrições, no entanto, existem muitos preparos, principalmente da vítima, que deve beber,

ser amarrado e humilhado antes de ser morto. Existem também as questões de divisão da carne, que era feita sempre da mesma forma. (STADEN, 2008).

No que se refere à divisão da carne do morto, as mulheres e as crianças comem partes pré-determinadas como língua e vísceras com já foi citado anteriormente. Não se percebe uma proibição dessas partes do corpo aos outros membros do grupo, o que podemos ver é uma predileção que alguns têm por determinadas partes.(STADEN,2008)

Não existe nenhuma interdição alimentar prévia ao consumo da carne humana, ou seja, não existe uma preparação pré-ritual, como o jejum ou a abstinência sexual. Entretanto, uma parte significativa do ritual consiste na ingestão de grande quantidade de bebida alcoólica¹⁴ pela tribo e pela vítima, na noite anterior ao sacrifício.

A única interdição feita era ao matador, que não comia a carne da vítima. Segundo Fausto (2008), a ele cabia o consumo do ritual, da força e da coragem do guerreiro que ele havia matado. No entanto, ele não absorvia o espírito do morto, pois,

O homicídio não conduz à apropriação de um espírito: o matador é simplesmente contaminado pelo odor de sangue e pela “gordura-mágica” (*kawahiwa*) da vítima, que lhe confere uma capacidade predatória e criativa. (FAUSTO, 2008, p. 19).

Após a morte da vítima, o matador passava por uma série de rituais nos quais recebia um novo nome e um corte no braço que, ao cicatrizar seria o símbolo de cada guerreiro que ele sacrificou, do seu poder e status diante da tribo. Este ficava descansando sem sair da rede por alguns dias, para caçar ou pescar. (FAUSTO, 2008).

No caso dos rituais, antropofágicos funerários praticados pelos Wari, todos podiam comer a carne do morto, entretanto dava-se preferência aos parentes, a única restrição é que não se devia pegar na carne com as mãos, devia-se utilizar palitinhos, que eram colocados ao lado da carne que era cortada em pequenos pedaços.¹⁵

Assim como há na maior parte dos rituais religiosos obrigações e interdições, o ritual antropofágico também, por seu caráter religioso, não foge à regra, mesmo que de forma bastante discreta. Contrariando, portanto, os conceitos defendidos por Cristóvão Colombo e Hans Staden, como descrito no capítulo anterior.

Entendendo que uma ação humana, muitas vezes, é fruto de um ritual religioso, refletiremos no capítulo seguinte, como um ritual sagrado pode, possivelmente, ser profanado, ou seja, descaracterizado para atender a uma necessidade pessoal.

¹⁴ As bebidas que eram produzidas, por um processo artesanal de fermentação da mandioca.

¹⁵ Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/wari/865>

CAPÍTULO III

A CRUZ DA MENINA DE POMBAL-PB



¹⁶ Figura 4- Localização geográfica da cidade de Pombal

3.1 Contexto Histórico

O Nordeste do Brasil é frequentemente castigado pelos fatores climáticos desfavoráveis a sua economia. Esse fato já faz parte da nossa cultura, uma das piores secas enfrentadas pela região foi a “Grande seca” de 1887. Essa estiagem devastou o Nordeste do Brasil, uma das províncias mais castigadas foi a Paraíba, onde a fome e a miséria se espalharam rapidamente, e muitas pessoas morreram vítimas dessa seca. Esta estiagem foi o palco de um trágico caso de antropofagia não ritual, ocorrido no sertão da Paraíba, na cidade de Pombal. (ALMEIDA, 1994).

Em 1887, a seca que se expandiu sobre o Nordeste do Brasil, matou muitas pessoas de fome e sede. Estima-se que mais de 300.000 (trezentas mil) pessoas morram em decorrência da total falta de precipitações pluviais. Prejudicando profundamente as famílias que viviam da agricultura de subsistência. Iniciou-se então uma verdadeira odisseia em direção à capital e aos grandes centros. Vejamos:

Eram figuras sumidas, escavadas por regime alimentar insuficiente e tóxico, que mal se equilibravam nos esqueletos descarnados. E vinham de muitos lugares e não sabiam onde iam.” (ALMEIDA, 1994, p. 188).

As pessoas emigravam do sertão em busca de alimento e trabalho pleiteando uma melhoria em suas vidas. Muitos pais de família, famintos e desesperados para conseguirem suprir às necessidades básicas da sua prole, foram forçados a entrar no mundo do crime. Naquele momento, portanto, essa foi a única forma que eles encontraram para sobreviver.

¹⁶ Figura 4 – Disponível em : <http://www.blogspotpombalonline.com/imagens>. Acesso em 21/12/2013.

São inúmeros os relatos que narram as ações dos saqueadores e cangaceiros nas fazendas e pequenas cidades. Os fazendeiros, mesmo os que tinham condições de enfrentar a estiagem saíram de suas terras devido ao aumento da criminalidade. (ALMEIDA, 1994).

Os crimes cometidos em detrimento das misérias da seca não se limitavam a furtos e saqueamentos. Na cidade de Pombal-PB, por exemplo, foi atribuída à seca um episódio de antropofagia não ritual que se tornou um caso de polícia. Uma mulher, acometida de uma fome incontrolável, quebra os paradigmas sociais e é levada por um impulso biológico, matando e comendo uma menina de 5 anos de idade. (ALMEIDA, 1994).

Diante das consequências da seca, as autoridades foram acionadas, padres, políticos e pessoas influentes, se uniram na tentativa de encontrar uma forma de amenizar o sofrimento das pessoas e mesmo assim, a fome fazia vítimas a cada dia. Os jornais, por sua vez, divulgavam diariamente as penúrias da seca. “A seca lança a consternação no seio de todas as famílias, e os criminosos e desordeiros roubam o que ainda nos resta, mesmo a honra e a própria vida.” (ALMEIRA, citando, o jornal ‘A Opinião’, 1994).

O presidente da província da Paraíba, Ulysses Vianna, pediu ajuda ao império para suprir as necessidades do povo. O império enviava suprimentos, porém, em quantidade insuficiente para suprir as carências da população. Vendo que a situação não fora sanada, Vianna mais uma vez pediu intervenção imperial, para a evacuação dos retirantes sertanejos que invadiam a capital.

Ressaltamos que o suprimento da capital não dava conta para atender a imensa quantidade de pessoas ali presentes, pois não existia emprego, moradia e comida para o grande número de famintos. No mês de junho daquele ano o Purus¹⁷, saiu apinhado de sertanejos, que não sabiam para onde iriam, mais tinham esperanças de uma vida melhor. (ALMEIDA, 1994).

3.2 Apresentação do fato Antropofágico de Pombal

A fome era tamanha que as pessoas já não tinham mais nem um critério de seleção para o que se podia e o que não se podia ingerir. Comendo então, todo tipo de plantas. A tal respeito, vemos que:

Inúmeros retirantes sobreviviam à base de macambira, umbu, juá e quixaba, quando não se envenenavam pela peçonhenta macambira ingerida por famintos desesperados. (SOARES Apud RIBEIRO, 2003, p.61).

¹⁷ Purus era o nome de um trem.

Na Paraíba a corrida pela sobrevivência era diária, encontrar o que comer era o um desafio cotidiano, uma batalha pela vida era enfrentada todos os dias, de forma que uma simples fruta, ou caça de pequenos animais poderia representar o limite entre a vida e a morte.

Abrantes (2006), em seu livro *A Cruz da Menina de Pombal*, nos informa que em 1877, a fome extrema gerou um ato antropofágico na Paraíba. Dyonisia dos Anjos, de 27 anos, foi uma vítima da terrível seca e sofria com a imensa fome e, assim como as outras pessoas, todos os dias, saía para tentar encontrar alguma comida.

No dia 27 de Março de 1877, Dyonisia passava na frente do mercado público da cidade de Pombal-PB, momento este em que se encontrou com Maria, uma criança de apenas 5 anos de idade, que brincava com outras crianças que estavam também à procura de alimentos. (ABRANTES, 1996).

Impulsionada por sua fome e instinto de sobrevivência, Dyonisia atrai Maria para sua casa, prometendo dar-lhe comida. Chegando à casa, Dyonisia matou Maria por sufocamento, em seguida, ela cortou o corpo da menina em pedaços e enterrou a cabeça, as mãos e os pés. Todo o resto foi então cozinhado e comido. O crime logo foi descoberto e Dyonisia foi presa, julgada e condenada. Nos arquivos jurídicos verificados por Abrantes, encontra-se a descrição do promotor, onde ele narra o referido crime. (ABRANTES, 2006).

O promotor público da comarca de pombal, usando da faculdade que lhe confere a lei, vem perante v.sa., denunciar a Dyonisia dos anjos, pelo fato que passa a expor: chegando a denunciada, com a sua vítima, em seu antro, matou-a por meio de sufocação, decepou lhe a cabeça, reduziu o corpo a diversos pedaços de carne, cozinhou parte deste, que comeu, guardou outros em uma moita onde foram devorados pelos cães. Num riacho que passa a pouca distancia do cemitério, enterrou, à sombra de uma oiticica, a cabeça de sua desditosa vítima, que foi exumada. (ABRANTES, 2008, p. 20).

Logo, consideraremos evidente que este ato antropofágico aconteceu de maneira descontextualizada, ou seja, fora de uma realidade ou um ambiente religioso. Neste sentido, a antropofagia torna-se apenas um crime e um “pecado” merecedor de punição e repugnância para toda a sociedade. Entendemos, portanto, que este ato retrata a condição humana no seu mais bruto estado.

Como vimos nos capítulos anteriores, a antropofagia trata-se de um ritual sagrado que dava sentido a tradição religiosa indígena, pois este ato era regido por um mito cosmogônico que alicerçava a cultura e a religiosidade indígena. Neste caso, podemos

assinalar que, Dyonisia profanou uma prática sagrada, o que tornou o seu ato de antropofagia, apenas em um ato criminoso, como tantas outras ações violentas decorridas da tal “grande seca”.

Dyonisia respondeu criminalmente por seu ato, sendo condenada à prisão por seu crime, entendido pela comunidade não apenas como um crime, mas, sobretudo, como um grande “pecado”. Este ato de profanar o corpo de uma inocente em um ritual não sagrado deu origem a uma nova fé popular, em que a vítima tornou-se mártir para a população da cidade de Pombal.

3.3 Profanação e Criminalização do Ritual Sagrado de Antropofagia

O ato antropofágico ocorrido na cidade de Pombal, em 1877, representa um paradoxo frente às práticas rituais que ocorriam entre as tribos indígenas do Brasil, visto que a antropofagia indígena possui motivadores culturais e religiosos. No caso ocorrido em Pombal, o consumo da carne humana foi provocado pela fome orgânica que atuou como principal motivadora. Os índios não eram movidos por um tipo de necessidade física, mas precisamente por fatores culturais, morais e religiosos.

A antropofagia indígena existia para honrar e vingar e, todos os rituais se estruturavam em volta desse binômio, não existia outro motivo para a antropofagia, e essa também não existia fora de um ritual sagrado. A antropofagia tinha uma função social, era um momento de união da tribo, todos juntos banquetevavam, honrando o morto, comemorando a vingança consumada e o surgimento de mais um homem na aldeia, devido ao ritual de passagem que estava atrelado ao ato de matar, como explicado no capítulo anterior. (STADEN, 2007).

Concernente ao caso de antropofagia ocorrido na cidade de Pombal, toda essa estrutura ritualista e cultural que envolvia o ato antropofágico, como vimos nos rituais da tradição indígena, foi completamente inexistente. A ação de Dyonisia foi guiada apenas por uma fome devastadora, obedecendo apenas aos seus instintos mais primitivos. Segundo Câmara Cascudo, “O estômago é dominador, imperioso, inadiável”. (2004, p. 17). Foi esta dominância biológica, portanto, que levou Dyonisia a transgredir as convenções sociais, alimentares e culturais do seu grupo e a profanar a prática antropofágica ritual indígena. Este fato abalou a sociedade, que condenou severamente o seu comportamento. (ABRANTES, 2006).

O ato antropofágico, que entre as tribos indígenas era praticado dentro de uma lógica ritualística religiosa, é uma forma de rememorar os primeiros ensinamentos contidos no mito cosmogônico. (ELIADE, 1992). Quando a antropofagia é praticada longe das suas raízes religiosas, ela é profanada de maneira tão violenta que o que era sagrado para toda uma “nação indígena” passa a ser visto como um grande pecado no seio de uma sociedade cristã. Foi o que ocorreu no caso da menina de Pombal.

A desritualização da antropofagia dá a ela características apenas de criminalidade e de animalidade, sendo punida social e juridicamente. A antropofagia perdeu suas características originais de rito religioso se adequado, atualmente, no conceito eurocêntrico e cristianizado de Cristóvão Colombo, conforme no capítulo anterior, que para este a antropofagia não passava de ato de animalidade e barbárie.

No capítulo seguinte, analisaremos, como este caso de antropofagia da cidade de Pombal-PB, ocorrido de forma profana, retirando-a do seio de sua cultura e praticando-a fora dos rituais sagrados. Este processo que ocorreu nesta cidade trouxe, dentro da perspectiva cristã e para além da doutrina oficial do catolicismo, a fé em uma nova santa popular.

CAPÍTULO IV

A CRUZ DA MENINA DE POMBAL E A RELIGIOSIDADE POPULAR



¹⁸Figura 5 – A Cruz da Menina de Pombal- PB

4.1 Do crime e do pecado surge o sagrado

Uma das formas de manifestação do sagrado que mais, frequentemente, encontramos no Brasil, está inserida na religiosidade popular. Esta é uma característica peculiar da sociedade brasileira sendo muito forte, principalmente, na região nordestina. Para alguns autores, a força das crenças populares no Brasil se dá pela grande miscigenação cultural proporcionada pela colonização. Podemos confirmar isto a partir de Câmara, citando, Süss (2003), em que a religiosidade popular é uma manifestação politicamente correta e inclusiva, pois “abrange todos os costumes e vivências religiosas do povo, sejam eles de origem católica, espírita ou pagã”. (p.1).

A religiosidade popular, assim como o catolicismo oficial, finca as suas bases na devoção ao sagrado. Apesar de a religiosidade popular surgir dentro do catolicismo oficial, ela se desligue deste em alguns fatores como nos apresenta Câmara:

A religiosidade popular, portanto, não é corpo eclesial nem corpo doutrinário, configurando-se em uma religiosidade dotada de razoável independência da hierarquia eclesiástica – a incluindo-se aí toda a documentação oficial da Igreja e todos os teólogos elaboradores da doutrina -, independência essa ao caráter sistemático oficial, materializada em uma explosão quase íntima ao “sagrado”. (CÂMARA, 2003, p. 2)

¹⁸ Figura 5 – Foto de como se encontra hoje o “santuário” da Cruz da menina de Pombal- pb. Imagem disponível em ; [http://: www.blogspotpombalonline.com](http://www.blogspotpombalonline.com). Acesso em : 21/12/2012

Levando em consideração estes conceitos de religiosidade popular, notamos que o ato antropofágico ocorrido na cidade de Pombal - sertão da Paraíba, no ano de 1877, furta-se de qualquer relação com o sagrado, tendo sido praticado apenas por uma determinação biológica, a fome, transgredindo, assim, todas as regras dos rituais sagrados indígenas.

Entretanto, algo muito curioso incidiu nesse caso. A profanação da sacralidade antropofágica fez da menina Maria, uma mártir. O povo passou a atribuir-lhe muitos “milagres” e, sobre o lugar onde ela foi enterrada, ergueu-se uma cruz passando esta a ser cultuada. Logo, o símbolo da cruz representa o sofrimento da menina que por meio de sua morte martirizada acabou por tornar-se uma santa popular.

A devoção à Cruz da Menina ocorre paralelamente à religião oficial, nesse caso o catolicismo. Fundamenta-se, basicamente, na fé do povo em algo ou alguém. Entendemos melhor o que é religiosidade popular considerando alguns conceitos pré-existentes.

Jurkuks (2004), por exemplo, nos traz duas propostas: uma feita por historiadores na qual a religiosidade popular significa “manifestação de fé racionalizada e regulamentada por meio de um processo formal de santificação” (p. 6). E outra, que afirma que a religiosidade popular é “expressão puramente emocional e espontânea que dispensa qualquer patente institucional.” (p. 6).

Em outros termos, podemos dizer que, todas as práticas religiosas sejam elas ditas populares ou “oficiais” são orientadas pela concepção do sagrado, ou seja, vai ser a experiência religiosa que vai definir as escolhas, atos, crenças, comportamentos, etc. Neste sentido, a religiosidade popular indica um tipo específico de relação com o transcendente, quais sejam de espontaneidade, amorosidade e, principalmente, porque se trata de uma experiência na qual as necessidades cotidianas passam a ser consideradas.

Nesta perspectiva, a devoção à Cruz da Menina, vítima de uma antropofagia não ritual, teve início no mesmo ano em que ela foi morta, aos 5 anos de idade. O povo estava morrendo de fome e de sede na cidade de Pombal e a ajuda que recebiam do império, não sanava as necessidades da população. “A grande seca” já havia durado quase três anos, o povo já não tinha mais esperança de sobreviver, tudo parecia acabado. Somente restava pedir ajuda divina, e foi o que fizeram, passando, por conseguinte, a cultuar esta cruz em busca de auxílio. (ABRANTES, 2006).

No fim de Dezembro de 1879, o povo faminto e exausto de tanto sofrer, organizou uma procissão pedindo a intervenção divina para findar tantas dores, sendo assim, partiram em caminhada, conforme vemos:

Da igreja em procissão noturna, com velas acesas, rezando, cantando benditos e ladainhas pelos arruados da cidade, depois tomaram os caminhos na direção da cruz da menina, em solicitude para a volta das chuvas de inverno. Lá chegando todos se ajoelharam, momento em que rezavam e pediam a intercessão da menina Maria para minimizar os efeitos da trágica seca. Surpreendentemente, em meio às preces iniciou-se uma forte chuva com relâmpagos e trovões, apagando todas as velas, o que não impediu dos devotos continuarem contritos em suas preces, naquele instante, já uns impressionados com o fenômeno, outros ligeiramente assustados, alguns emocionados, chorando, sem entender aquela bendita chuva repentina. As águas caindo do céu, em meio aos relâmpagos e trovoadas, traziam o vento noturno de longe, que passava forte entre galhos e folhas de uma frondosa oiticica ali próxima, balançando a grande árvore, como quem dando uma resposta às preces dos piedosos religiosos. (ABRANTES, 2006, p. 9).

As chuvas que caíram naquela noite, foram atribuídas à intercessão da Cruz da Menina a Deus, por misericórdia aos seus irmãos. Esse fato serve como embasamento das manifestações religiosas que acontecem ainda hoje em volta da figura da Cruz da Menina.

Atualmente, a Cruz da Menina de Pombal, encontra-se inserida no credo popular daquela cidade, em uma espécie de hibridismo dos santos católicos, sendo a ela atribuídos vários milagres. Apresentada como santa popular, e dispensando as formalidades de beatificação da Igreja Católica, a menina Maria faz parte da fé e da cultura do povo de Pombal-PB.

Em homenagem à Cruz da Menina, o dia 27 de Março é-lhe consagrado e as pessoas vão até cruz para pedir e agradecer as graças concedidas pela menina Maria. Hoje a Cruz da Menina de Pombal faz parte do cenário religioso da cidade, e guarda com ela uma grande quantidade de devotos. (ABRANTES, 2006).

Esta vivência de fé em Pombal, expressa pelos gestos, crenças e ritos que se praticam livremente, encontra-se fora dos muros da ortodoxia ‘é o vivido em oposição ao doutrinal’, específico da religiosidade popular.

4.2 Consequências Sociais e Religiosas da Antropofagia não ritual

A morte violenta de Maria teve uma grande repercussão na cidade e foi divulgada pelos meios de comunicação da época, no caso o jornal ‘O Publicador’, de 24 de Abril de 1877, que notificou a morte de Maria, como mais uma vítima daquela severa seca. A sociedade ficou abalada com tão trágico acontecimento em uma cidade tão pacata como Pombal, a resposta social, porém, foi rápida e Dyonísia dos Anjos, autora do crime, foi julgada e condenada. (ALMEIDA, 1994).

A fome espalhou o terror, o caso antropofágico de Pombal ganhou grandes proporções, mas não foi o único durante aquela seca. A fome era tão grande que “os famintos disputavam carniça aos urubus.” (ALMEIDA, 1994, p. 196). Este caso de antropofagia em Pombal gerou uma grande consternação e revolta na população local.

Citado em vários cordéis da época, a morte de Maria logo se torna conhecida no sertão. Graças aos cordéis, a história de Maria chegou até nossos dias, e pôde ser resgatada através de documentos históricos, como os autos do processo contra Dyonísia, encontrados no cartório do primeiro ofício da cidade de Pombal pelo historiador Wilson Seixas. Estes documentos servem como bases empíricas para o trabalho: *A cruz da Menina de Pombal*, de Vernek Abrantes. Dando assim respaldo histórico para o culto religioso existente em torno da Cruz da Menina.

Dyonísia ao matar e comer Maria apenas para saciar a sua fome, quebrou não apenas as regras de sua própria sociedade e religião, como também, profanou um ritual religioso indígena. Mais tarde a sociedade dá a Maria, o caráter de santa e a ela atribuem-se muitos milagres, talvez como uma forma de sanar o horror daquela trágica morte. Dessa forma, podemos dizer que o ritual sagrado que foi profanado sublimou e sacralizou sua vítima.

4.3 Devoções Religiosas em volta da Cruz da Menina de Pombal

A padroeira oficial de Pombal é Nossa Senhora do Bom Sucesso, no entanto, a fé popular atribui uma grande importância a Cruz da Menina, que desde 1879, faz parte da

devoção popular e a ela são atribuídas várias graças. A primeira delas foi a repentina chuva da noite de dezembro de 1879, que amenizou o sofrimento do povo já muito maltratado com tal seca .

Depois desse acontecimento, rapidamente as pessoas passaram a fazer preces, orações e pedidos ao pé de sua Cruz. Desde então, muitas graças são atribuídas a ela, como narram os depoimentos coletados por Abrantes no seu trabalho, nos quais os devotos, cheios de gratidão, relatam as graças alcançadas.

S.M da S. eu vivia uma vida de aflição, aperreio e cheia de desengano, os remédios que eu tomava não adiantavam de nada, era mesmo um tormento, nervosismo. Com muita fé fiz uma promessa junto à cruz da menina para me tranquilizar, aos pouco fui me acalmando, hoje não sinto mais nada, sou feliz com a vida e com as pessoas, não sei como agradecer. (ABRANTES, 2006, p. 11).

No dia 27 de Março, aniversário de morte de Maria. Novos pedidos são feitos, muitos vão apenas para renovar a sua gratidão para com a menina, por graças alcançadas anteriormente, como narra no seu depoimento uma senhora de 60 anos identificada por M.S. A, que diz: (2006).

Eu fui merecedora e guardo isso no coração. Conheço outras pessoas que foram agraciadas ao pé da cruz da menina. Tem gente que chega aqui, vão ao pedestal e colocam a mão, em prece de agradecimento, ficam rezando baixinho, cabeça baixa, os olhos fechados... Já vi mulheres chorando. Eu acredito que isso é para agradecer uma graça alcançada. (ABRANTES, 2006, p. 12).

Neste sentido, podemos dizer que, a lógica da prática dos fiéis não se volta pela explicação racional de suas crenças, mas na relação destas crenças com a vida cotidiana, ou seja, a questão da religiosidade popular está direcionada para as questões concretas da realidade sejam elas financeiras, emocionais ou políticas como constatou-se no contexto da cidade de Pombal, em 1879.

A Cruz da Menina de Pombal faz parte da fé popular e extrapola o contexto católico oficial, ocupando um lugar especial no imaginário religioso da população da cidade, que à sua maneira, encontrou uma forma de diminuir a culpa pela morte da menina, dando a ela o poder de também diminuir o sofrimento dos seus irmãos. Transformando o crime e o pecado em sagrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho explanou o ritual sagrado de antropofagia das tribos indígenas do Brasil, traçando um paralelo com as histórias de antropofagia ocorridas na cidade de Pombal, na Paraíba no ano de 1987.

O detalhamento da antropofagia, dentro e fora dos rituais religiosos, deixa evidente qual era o lugar social desse ato quando este é inserido e quando ele é retirado do contexto religioso. Inserida em um rito, a antropofagia é considerada sagrada e como tudo o que é sagrado tem a função de aproximar o homem ao transcendente.

Fora do contexto religioso, a antropofagia pode ser considerado, apenas como um ato criminoso e “pecaminoso”. Atualmente no Brasil ainda é possível encontrar a antropofagia funerária na tribo Yanomame, tribo que por estar locada em área de difícil acesso da floresta Amazônica, diminui o contato com outras culturas, fato que contribuiu para a conservação da maior parte dos seus rituais entre eles a antropofagia.

O fato de ainda existirem tribos praticando antropofagia ritual, não diminui o preconceito existente em volta desse tema, devido, principalmente, à formação maciçamente cristã da população brasileira, de modo que essa prática é permitida somente dentro da tribo indígena e no seu território.

A antropofagia fora do contexto religioso é crime passível de punição, principalmente, a antropofagia aos moldes Tupinambás, que antes de comer a carne, era necessário que a vítima fosse torturada e, em seguida, morta, caracterizando crime de tortura e homicídio.

As práticas antropofágicas são proibidas hoje no Brasil, salvo a exceção mencionada anteriormente. No entanto é necessário que ao estudar o tema, principalmente, dentro de uma disciplina como o ensino religioso, fique bem claro qual era o papel da antropofagia na sociedade indígena, que era tido como um ritual de suma importância para aquele povo e que devemos respeitar, mesmo indo na contramão da maioria das religiões e dos princípios da sociedade

REFERÊNCIAS

- ALBERTO, Mussa. **Meu destino é ser onça**. Rio de Janeiro, ed. Record, 2011.
- ABRANTES, Vernek. **A Cruz da Menina de Pombal**. Pombal- PB, ed. Oton Amorim Gráfica, 2006.
- ADONE, Angolin. **Antropofagia ritual e identidade cultural entre os Tupinambás**. Revista de Antropologia, São Paulo: USP, 2002, v45 n° 1.
- ALMEIDA, José Américo. **A Paraíba e seus problemas**. Brasília- Distrito Federal: ed. Facsimilar, 1994, 4ª edição.
- ARMESTO, Felipe Fernandes. **Comida um história**. Rio de Janeiro: ed. Record, 2004.
- CASCUDO, Luís Câmara. **Histórias da Alimentação no Brasil**. São Paulo: ed. Global, 2004.
- CÂMARA, Isnard de Albuquerque Neto. **Diálogos Sobre Religiosidade Popular**. Disponível em: 22/12/2013
- FAUSTO, Carlos. **Banquete de Gente: Comensalidade e canibalismo na Amazônia**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132002000200001>. Acesso em: 16 de Janeiro de 2013.
- FRANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massino. **História da Alimentação**. São Paulo: ed. Estação Liberdade, 1998.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogerio Fernandes, São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Jornal da Paraíba: **Vítima de canibalismo na Paraíba**. Disponível em: G1.com <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2012/04/policia-abre-inquerito-para-investigar-possivel-vitima-de-canibalismo-na-pb.html>
- JURKUKS, Vera Irene. **Os santos da igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular**. Curitiba: ed. UFPR, 2004.
- LESTRINGAND, Frank. **O canibal: grandeza e decadência**. Brasília: ed. Universal de Brasília, 1997.
- LOUIS, Jean Flandrin; MONTANARI, Massino. **História da alimentação**. Tradução de Luciano Vieira Machado, São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- MAZUCCHI- SAES, Patrícia. *Imagens míticas na publicidade*. In: RAMOS, Celeste. (org). **Mitos: perspectivas e representações**. Campinas, SP: Alínea, 2005.
- MINAYO, Cecília de Sousa Maria; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes 2007.
- QUINTAS, Georgia. **Antropofagia: as várias dimensões antropológicas**. Revista História e Estudos Culturais: Junho de 2008, ISSN, 1807-6971.

SOARES, Roniere Leite. **Relíquias Cangaçais:** um resgate memorial dos bandos anônimos. Paraíba. Ed: UEPB, 2005. Disponível em: <http://bdt.d.uepb.edu.br/tde_arquivos/2/TDE-2009-08-04T125958Z-33/Publico/RoniereLeiteSoares.pdf>. **Acesso em: 04/01/2013**

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil:** primeiros registros sobre o Brasil. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SCHLESINGER, Hugo. **Dicionário enciclopédico das religiões.** Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SOUSA, Ely. **Práticas alimentares indígenas em ritos fúnebres.** São Paulo: Paulinas 2011.

TEOFÍLO, Rodolfo. **A fome.** São Paulo: ed. Tordesilhas, 2011.